

# Varição e mudança na sintaxe como competição de gramáticas<sup>1</sup>

---

**Marco Antonio Martins<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

## **Resumo:**

Discuto, neste artigo, um modelo teórico para o estudo da mudança sintática via competição de gramática (Kroch 1989). Defendo que o estudo da variação e mudança sintática, nessa perspectiva, estabelece um ponto de diálogo entre a observação empírica na gradação de formas variantes no curso do tempo, num ambiente heterogêneo (Weinreich, Labov e Herzog 1968; Labov 1982) e a análise explicativa da teoria da gramática.

**Palavras-chave:** variação; mudança sintática; competição de gramáticas.

## **Abstract:**

In this paper, I discuss a theoretical model for the study of syntactic change via competition of grammar (Kroch 1989). I argue that the study of syntactic variation and change shows that there is a relationship between the empirical observation of the formal variations along time in a heterogeneous environment (Weinreich, Labov and Herzog 1968; Labov 1982) and the explanatory analysis of the theory of grammar.

**Key-words:** variation, syntax change, grammar competition.

## **Résumé:**

Cet article discute un modèle théorique pour l'étude du changement syntaxique par la concurrence de la grammaire (Kroch 1989). J'argumente que l'étude de la variation

---

<sup>1</sup> Recebido em 20 de março de 2009. Aprovado em 07 de julho de 2009.

<sup>2</sup> Doutor (2009) em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, com estágio na Universidade Nova de Lisboa, é professor adjunto da UFRN.

syntaxique et de le changement, par conséquent, offre un point de dialogue entre l'observation empirique de les variations formelles au cours du temps dans un environnement hétérogène (Weinreich, Labov et Herzog 1968; Labov 1982) et l'analyse explicative de la théorie de la grammaire.

**Mots-clé:** variation, changement syntaxique, grammaire concurrence.

### Introdução<sup>3</sup>

Apresento e discuto, neste artigo, algumas questões teóricas relacionadas ao estudo da variação e mudança nos domínios da sintaxe, entendidas, fundamentalmente, como um processo gradual que procede via competição de gramáticas no sentido empregado por Anthony Kroch, em *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change*. Em busca de um caso empírico que exemplifique essa proposta para o estudo da variação e mudança na sintaxe, sistematizo, ainda, muito brevemente, resultados empíricos de estudos sobre o processo de mudança sintática que envolveu a sintaxe de ordenação de clíticos na diacronia do português.

O artigo está assim estruturado: num primeiro momento, na seção 2, apresento o conceito de gramática que perpassa a (estreita) relação entre o modelo via competição de gramáticas e uma teoria da variação e mudança linguística com base em fundamentos empíricos (Weinreich, Labov e Herzog 1968); apresento, na seção 3, a proposta de mudança sintática via competição de gramáticas e, na seção 4, alguns resultados empíricos de estudos sobre a ordenação de clíticos em português.

---

<sup>3</sup> Este artigo é uma versão revisada de parte do primeiro capítulo de minha tese de doutorado, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (cf. Martins 2009).

## Gramática e mudança sintática

### *Língua-E e Língua-I: sobre o conceito de gramática*

*Grammars, in our perspective, are mental entities which arise in the mind/brain of individuals when they are exposed as children to some triggering and shaping experience.*

David Lightfoot (1999:144)

O empreendimento da teoria gerativa, sobretudo com o advento da teoria de Princípios e Parâmetros, tem se voltado ao estudo das propriedades da mente/cérebro em relação ao conhecimento que um indivíduo tem quando sabe uma língua. Com Chomsky (1981, 1986, propriamente) há a distinção entre Língua Interna (Língua-I) e Língua Externa (Língua-E); ou, mais especificamente, entre um objeto que representa o estado final do desenvolvimento da capacidade inata à espécie humana para adquirir uma língua e um objeto definido como um produto exteriorizado nas mais variadas situações de uso.

A Língua-I é um objeto que existe na mente/cérebro de um indivíduo que sabe uma língua. Dizer que um indivíduo sabe uma língua é o mesmo que dizer que esse indivíduo possui uma Língua-I. Considerando que o conceito de gramática é sempre um derivado em linguística, a gramática de uma língua é uma teoria sobre o objeto que deve ser investigado. Nessa perspectiva, *a gramática de uma língua natural é uma teoria sobre a Língua-I de um indivíduo*. Nesse caso, as afirmações sobre a gramática de uma língua são afirmações da teoria da mente em torno da Língua-I de um indivíduo que sabe uma língua (Chomsky 1986).

Gramática, nessa acepção, é uma representação (necessariamente teórica) de um conhecimento adquirido, a partir da exposição a amostras de Língua-E, por um indivíduo que sabe uma língua – ou que tem uma Língua-I; ou, em termos mais técnicos, gramática é uma teoria sobre a Língua-I de um indivíduo que sabe uma língua, adquirida quando esse indivíduo foi exposto

a amostras de um objeto exteriorizado nas mais diversificadas situações de uso, ou a amostras de Língua-E.

A distinção entre Língua-I e Língua-E e o derivado conceito de gramática está na base do modelo de variação e mudança sintática via competição de gramáticas. Nesse contexto, para o estudo da mudança sintática, utilizam-se textos escritos deixados pela história externa das línguas como amostras de Língua-E para se teorizar sobre o conhecimento linguístico que os autores desses textos têm ao saber uma língua; ou seja, utilizam-se amostras de Língua-E para teorizar sobre a Língua-I dos autores.

*Algumas palavras sobre um (conhecido) problema metodológico para o estudo da mudança sintática*

Uma dificuldade particular em estudos diacrônicos, e, em específico, em estudos sobre mudança sintática no quadro teórico gerativista, é a formação de um *cópus* representativo para análise. Antes de mais, é importante deixar claro que o objeto de estudo no gerativismo não é a língua, mas a *gramática* das línguas particulares, entendida como um conjunto de regras internalizadas que cresce na mente / cérebro dos indivíduos da espécie humana numa determinada comunidade linguística.

Numa perspectiva sincrônica de análise, dispõe-se de testes empíricos, tais como testes de aceitabilidade com informantes, sobre os critérios de boa formação de uma determinada construção na gramática de uma língua. Por outros termos, tem-se acesso a evidências positivas e negativas sobre a boa (ou não) formação de estruturas geradas pela gramática de uma língua particular.

Em materiais históricos, entretanto, não se dispõe de evidências negativas em relação aos critérios de boa formação de formas linguísticas geradas pela gramática de uma língua. Essa restrição imposta pelo acesso a, apenas, evidências positivas registradas em materiais históricos gera um impasse para o estudo da gramática no quadro da teoria gerativa. Se num *corpus* representativo, formado por materiais históricos, uma dada construção

não for encontrada é porque, muito provavelmente, essa não pertence àquele estado de gramática refletido nos textos.

Como referido por Paixão de Sousa (2004), foi Anthony Kroch quem primeiro observou esse impasse nos estudos diacrônicos em sintaxe gerativa. Para Kroch, em *Reflexes of Grammar in patterns of language change*, a relevância do estudo da gramática numa perspectiva diacrônica em teoria gerativa está centrada na mudança gramatical, ou mais precisamente, no curso da mudança na gramática de uma língua ao longo dos séculos. Apenas em materiais históricos encontramos um tipo de informação que é/está necessariamente ausente em dados sincrônicos: *informações sobre o curso de tempo de uma mudança na gramática de uma língua*.

O acesso às informações disponíveis em materiais históricos pode fornecer subsídios para o estudo do processo de mudança gramatical nas línguas naturais no curso do tempo. Por outros termos, a observação e análise de dados extraídos de textos históricos viabiliza o estudo dos problemas de *implementação* e de *transição*, ou de *como* e *por que* as línguas particulares mudam no tempo, como proposto pelo trabalho pioneiro de Weinreich, Labov & Herzog (1968). A investigação diacrônica com base em materiais históricos possibilita, nesse sentido, a compreensão dos processos através dos quais as línguas mudam, assim como a explicação de princípios internos de organização das gramáticas das línguas naturais.

É importante salientar que, sob essa perspectiva, o objeto de estudo da teoria gerativa é visto sob diferentes pontos de vista: enquanto na sincronia é a descrição e, sobretudo, a explicação de propriedades da Faculdade da Linguagem, na diacronia o foco de análise é a mudança sintática (i.e. a mudança gramatical).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Nas palavras de Paixão de Sousa, “o objeto teórico relevante para os estudos históricos da língua pode ser localizado, assim, não na diversidade diacrônica das formas linguísticas (i.e.: na sucessão de sincronias em contraste), mas sim na *progressão dinâmica dos padrões linguísticos na dimensão temporal*. A investigação da linguística histórica é, portanto, relevante teoricamente não enquanto estudo sincrônico “adaptado”, mas sim ao abordar a dimensão dinâmica da língua – ou seja, muito simplesmente, a mudança.” (Paixão de Sousa 2004:14, grifo da autora).

Numa perspectiva gerativista, em sintaxe diacrônica os padrões atestados nos textos históricos são evidências empíricas que devem ser interpretadas teoricamente em busca de hipóteses sobre um determinado processo de mudança gramatical. A evolução nas taxas de uso (ou na frequência) de uma dada construção sintática atestada em textos históricos não pode ser entendida como uma mudança na gramática de uma língua. Antes, deve ser interpretada como o *reflexo* de uma mudança paramétrica na gramática dessa língua.

Na proposta de análise delineada por Kroch (1989), o conjunto de contextos que muda ao mesmo tempo na gramática de uma língua não é definido pelo agrupamento de uma propriedade superficial, como o aparecimento de uma palavra ou de um morfema particular, mas pela estrutura sintática, cuja existência pode somente ser o produto de uma análise gramatical independente dos falantes. Assim, a análise gramatical que define o contexto de uma mudança linguística é bastante abstrata.

Paixão de Sousa (2004:16) sintetiza muito precisamente a proposta de Kroch em *Reflexes of Grammar in patterns of language change* ao afirmar que

*toda a proposta [do texto] é justamente uma metodologia para mediar o retrato empírico da mudança retratada nos textos, com ferramental estatístico, e assim chegar a analisar os reflexos da mudança gramatical que podem estar ali manifestos (grifo nosso).*

Em outras palavras, a proposta estatística sistematizada por Kroch procura mapear a dinâmica dos padrões empíricos atestados nos textos que podem ser o reflexo de uma dada mudança gramatical. Os padrões empíricos (em si e por si) não constituem a mudança, mesmo porque a definição de mudança sintática na gramática de uma língua natural está associada, impreterivelmente, a uma interpretação mediada por uma teoria da gramática.

Pois bem, sabe-se que os dados de que dispomos para os estudos diacrônicos são, de fato, aqueles oriundos de materiais históricos. Sabe-se, ainda, que os dados “garimpados” em textos históricos refletem propriedades

da gramática de indivíduos imersos num ambiente heterogêneo e o processo de mudança numa língua particular estará necessariamente inserido nesse contexto.

Na seção que segue, apresento o modelo de competição de gramáticas para o estudo da mudança sintática.

### **Variação linguística, mudança sintática e competição de gramáticas**

É consensual em linguística o fato de que as línguas naturais mudam no curso do tempo. Entretanto, no que se refere às feições da mudança sintática, em específico, há diferentes perspectivas sob as quais a mudança pode ser abordada.<sup>5</sup> Apresento, nesta seção, alguns aspectos de um modelo que correlaciona mudança sintática e *competição de gramáticas*, conforme vem sendo proposto por Anthony Kroch (Kroch 1989, 2001, 2003) e colaboradores (Kroch; Taylor 1997).

O texto de Kroch, publicado em 1989, traz uma significativa contribuição para o estudo da mudança sintática, sobretudo no quadro teórico da teoria da variação e mudança, ou da sociolinguística variacionista.<sup>6</sup> A proposta do autor estabelece um ponto de diálogo entre a observação empírica na gradação de formas variantes no curso do tempo (num ambiente heterogêneo) e a análise explicativa da teoria da gramática. Vejamos em que direção.

---

<sup>5</sup> Não farei aqui um retrospecto do tratamento da mudança linguística nos diferentes quadros teóricos na história da linguística. Remeto o leitor interessado ao texto, em português, de Rosa Virgínia Mattos e Silva, *Caminhos da Linguística Histórica – ouvir o inaudível* (Mattos e Silva 2008), assim como ao texto de Paixão de Sousa (2006), entre outros. Também não vou entrar em detalhes nas diferentes propostas de mudança sintática no quadro da teoria gerativa. Para tanto, remeto o leitor interessado ao texto de Cyrino (2007), para além dos já citados.

<sup>6</sup> O estudo da variação e mudança de fenômenos sintáticos no quadro teórico da sociolinguística variacionista, em seu modelo clássico, como proposto em Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1982), foi (e ainda é) uma questão pouco consensual na teoria. Em particular, o estudo de Weiner e Labov sobre as passivas do inglês, publicado em 1977 (Weiner; Labov, [1977] 1983), gerou um grande debate em torno da aplicabilidade da regra variável para o estudo da variação e mudança em níveis mais altos da estrutura gramatical. Ver, para uma revisão sobre o debate, Lavandera (1978), Labov (1978) e Milroy e Gordon (2003).

No trabalho pioneiro, agora clássico, de Weinreich, Labov e Herzog, publicado em 1968 (WLH, doravante), a questão da mudança linguística é colocada em pauta de modo a se delinear *fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Nesse texto, os autores defendem a sistematicidade ordenada do processo de mudança, defendendo a ideia de que esse processo somente pode ser compreendido quando observado, antes de tudo, no ambiente heterogêneo de uma determinada comunidade de fala.

Uma das questões centrais que está na base da argumentação de WLH é:

After all, if a language has to be structured in order to function efficiently, *how do people continue to talk while the language changes*, that is, while it passes through periods of lessened systematicity? (WLH 1968:100 *grifo nosso*).

WLH assumem que o estudo empírico do processo de mudança não pode negligenciar a *variabilidade inerente* ao sistema linguístico em uso. E, nesse contexto, a noção de *variável linguística* ou de regra variável é, pois, fundamental nesse empreendimento. A heterogeneidade sistemática é vista como a covariação entre variáveis linguísticas definidas em função de demais variáveis independentes extralinguísticas (i.e., sócio-estilísticas) ou linguísticas (i.e., estruturais). Nessa linha de raciocínio, se estabelece uma relação direta na sociolinguística variacionista entre variação e mudança: toda mudança pressupõe, necessariamente, variação. É importante destacar que apenas a relação mudança/variação é direta, pois, nessa perspectiva de análise, há casos de variação que não desencadeiam mudança.

Voltando à questão da variação e mudança nos domínios da sintaxe, Kroch e colaboradores têm advogado um modelo de mudança sintática que não descarta a heterogeneidade sistemática inerente ao ambiente linguístico, conforme defendido por WHL. Nesse modelo, a mudança sintática procede gradualmente via competição de gramáticas que se substituem no uso entre gerações. Por outros termos, o processo de mudança sintática reflete sempre



a tensão, num ambiente heterogêneo, entre uma gramática inovadora e uma gramática conservadora.

É importante salientar que os textos base da teoria da Variação e Mudança (WLH 1968; Labov 1972, 1982), com certa frequência, confrontam a proposta de variabilidade/heterogeneidade estruturada à simples “alteração de códigos”. Em específico, Labov (1972) refuta essa possibilidade na análise do inglês falado pelos negros em Nova Iorque. Vários são os exemplos listados nesses textos a favor da hipótese de que uma proposta via “alteração de códigos” seria inviável para uma compreensão satisfatória do real processo de mudança linguística numa comunidade de fala. Da mesma maneira, a mudança sintática via competição de gramáticas, conforme proposto por Kroch, não pode ser entendida como um sistema de “alteração de códigos”.

A análise de materiais históricos, num determinado período de tempo no curso de uma mudança sintática, evidencia que a gradação entre formas variantes que se vê refletida nos textos é a tensão entre uma gramática inovadora e uma gramática conservadora. Nesse sentido, essa tensão é captada pela *observação empírica* de alterações na frequência de uso de formas instanciadas por diferentes gramáticas. Essas alterações significativas atestadas nos textos são reflexos de uma *alteração na fixação de um parâmetro gramatical*, resultando no que Kroch define como *Hipótese da Taxa Constante*. Segundo essa hipótese, o que aparece refletido nas amostras de Língua-E é apenas o efeito da mudança sintática, ou seja, da alteração na fixação de um parâmetro gramatical que é refletida no uso das formas. Voltarei à *Hipótese da Taxa Constante* de Kroch logo a seguir. Antes, porém, quero focar a natureza da mudança sintática.

Via competição de gramáticas, *a mudança sintática é entendida como uma falha na transmissão de traços linguísticos através do tempo.*<sup>7</sup> Em grande

---

<sup>7</sup> “Language change is by definition a failure in the transmission across time of linguistic features. Such failures, in principle, could occur within groups of adult native speakers of language, who for some reason substitute one feature for another in their usage, as happens when new words are coined and substituted for old ones; but in the case of syntactic and other grammatical features, such innovation by monolingual adults is largely unattested.” (Kroch 2001:671).

medida, as falhas na transmissão de traços são falhas no aprendizado, quando no processo de aquisição da língua pela criança entre diferentes gerações. Ainda, segundo Kroch, o entendimento dessas falhas na transmissão é de difícil compreensão porque as relações entre a evidência linguística a que um indivíduo em condições naturais no período normal de aquisição está exposto e a gramática adquirida são bastante imprecisas. Por esse motivo, o estudo da mudança sintática através da análise de materiais históricos é um campo profícuo em busca de respostas em relação aos problemas empíricos e teóricos sobre o processo de mudança sintática.<sup>8</sup> Esse é o caminho percorrido por Kroch em seus textos.

A natureza da mudança sintática, ou a origem de uma nova fixação de um parâmetro gramatical, e, conseqüentemente, o advento de uma nova gramática, é associada, então, à aquisição da gramática de uma língua. Há no processo de aquisição, pelo qual a criança adquire a língua vernacular e as demais opções linguísticas às quais ela é exposta (associadas a aspectos sociais, regionais etc.), uma assimetria (pensada aqui como uma “falha” de transmissão) entre a gramática  $G_1$  alvo e a gramática  $G_2$  efetivamente adquirida pela criança. Por motivos associados a fatores sócios ou psicolinguísticos, a frequência de uso de uma determinada forma (que reflete propriedades de uma determinada gramática) é interpretada erroneamente no processo de aquisição, o que motiva uma pequena e constante assimetria entre uma gramática vernacular e outra gramática que vem a ser adquirida tardiamente.

O problema que se coloca, em particular, diz respeito a questões tais como: Por que essa assimetria ocorre? Ou, mais especificamente, qual o motivo que leva a criança no processo de aquisição a fixar “erroneamente” um parâmetro na gramática alvo  $G_1$ ? O que gera uma assimetria entre a gramática dos seus pares e a nova gramática adquirida  $G_2$ ? Muitos teóricos gerativistas têm defendido que a mudança sintática é exógena e se relaciona, de uma maneira

---

<sup>8</sup> Para uma discussão relevante, em português, da relação entre os estudos em linguística histórica e em sintaxe diacrônica, sob os domínios de diferentes *tempos e temporalidades* no estudo da mudança gramatical, ou sintática, remeto a Paixão de Sousa (2006).

ou de outra, à frequência de uso das formas variantes no eixo temporal.<sup>9</sup> Na proposta de Kroch, como já dito, a gradação entre formas variantes é o reflexo da competição entre diferentes gramáticas,  $G_1$  e  $G_2$ , que resulta de uma falha na transmissão de traços linguísticos. Essa visão se contrasta àquela defendida por David Lightfoot em textos recentes.

Lightfoot (1999) defende que a mudança sintática é o resultado de uma reanálise gramatical entendida como resultado de alterações nos dados linguísticos primários. Na proposta do autor, o processo de aquisição da gramática de uma língua particular é baseado em pistas (“*cues*”). As pistas estão associadas aos parâmetros fixados nas gramáticas particulares, e, por esse motivo, não são universais, mas específicas a cada gramática em particular. Nessa proposta, a mudança sintática é relacionada a uma significativa alteração nos dados primários da experiência detonadora; ou seja, uma alteração (mudança) significativa nos dados primários aos quais o aprendiz está exposto está na base da mudança sintática.<sup>10</sup>

Importante se faz referir que, no quadro teórico da gramática gerativa, os trabalhos de David Lightfoot, já na década de 70, são pioneiros em associar o estudo da mudança sintática à aquisição de uma língua natural por uma criança quando exposta a amostras de Língua-E.

Demais questões tais como as de por que, em que circunstâncias e em que direção as línguas mudam estão sob a rubrica do problema empírico de

---

9. “Of course, if the conditions of linguistic transmission are altered, for example, by contact with another speech community, then change may well occur, since the linguistic experience of children of the community is likely to change. Since language change is ubiquitous, it might seem that the standard model must overly simple in some crucial respect; and linguistic have proposed various complications to allow for endogenous change. For syntax, the most obvious proposal is that change at other levels of structure, however caused, provokes grammatical reanalysis.” (Kroch 2001:701).

10. “The natural way for linguistic to think of this is that different childhood experiences, different sets of primary linguistic data (PLD), sometimes cross thresholds, which entails that the system shifts, and that a new grammatical property results. So the inventory of variable properties constitutes the set of fixed-point attractors. This provides a productive way of understanding what happens in grammatical change and supports the viability of thinking of a small number of parameter setting as defining the structurally stable systems which we call grammars. We shall see in a moment that linguistic variation is typically not a matter of free variance, but rather oscillation between two fixed points of divergence.” (Lightfoot 1999:91).

*encaixamento* na matriz social e linguística no estudo da mudança, tal como proposto por WLH. Como já dito, é fato que as línguas mudam; é também um fato, sob o escopo da sociolinguística variacionista, que a variação é um aspecto inerente a toda e qualquer língua natural.

Uma questão formulada por Kroch (2001:700), e que parece central nos estudos de variação e mudança na sintaxe é: *as línguas, quando desconsiderados os efeitos de contatos linguísticos e outras propriedades de cunho social, tendem a manifestar mudança ou estabilidade?* A resposta a essa indagação nos direciona para uma questão há muito debatida nos estudos linguísticos: a busca por uma unidade estrutural de análise.

É importante considerar que a origem da mudança sintática na gramática é a reanálise de um parâmetro gramatical, e, nesse sentido, a teoria da gramática tem fornecido importantes informações em busca de explicações sobre a origem dessa mudança; sob outra perspectiva, temporal e cronológica, a origem da mudança na língua envolve questões diversas relacionadas ao problema empírico de *propagação*, tais como situações de empréstimo ou de contato linguístico, de crioulização, entre outros.<sup>11</sup>

Uma proposta de análise para a mudança sintática via competição de gramáticas se depara necessariamente com o fato de, numa perspectiva teórica *a lá* gerativismo, a alteração na fixação de um parâmetro na gramática de uma língua ser, antes de tudo, sempre catastrófica. A “falha” na transmissão de traços linguísticos, como refere Kroch, gera uma reanálise na fixação de um parâmetro da gramática G1 que entra em competição com outra gramática G2; mas a mudança linguística, de fato, é sempre implementada num ambiente

---

<sup>11</sup> As palavras de Paixão de Sousa referem com propriedade essa questão: “.. essa sucessão dos ciclos temporais gramaticais entrecortados por catástrofes é uma análise teórica; mas não se imprime necessariamente no eixo da vivência empírica. No eixo do factual (que como já vimos, remete à dimensão do temporal-cronológico, do experimentado) a sucessão de eventos pode se apresentar como gradual – seja no tempo do acontecimento (pela percepção necessariamente limitada da vivência empírica), seja no tempo da narrativa (pelas condições de reconstrução da temporalidade...). Daí se explicaria a aparência quase sempre gradual das mudanças linguísticas no plano documental, ou seja: assim se explicaria o fato de que um acontecimento catastrófico por necessidade teórica – a substituição de gramáticas – imprima testemunhos linearmente graduais.” (Paixão de Sousa 2006:42-43).

heterogêneo via competição entre diferentes gramáticas. Numa perspectiva diacrônica, os textos escritos refletem essa competição entre uma gramática inovadora, vernacular, e uma gramática conservadora, relacionada a questões sociolinguísticas e à pressão social de uma norma padrão ou de uma escrita conservadora.

### *A propagação da mudança*

Como refere Kroch (2001:719), o que se observa em estudos diacrônicos sobre mudança sintática é que a evolução das formas no curso do tempo é necessariamente gradual. A observação empírica do curso da mudança sintática mostra que as formas não se substituem abruptamente. Há no eixo temporal um processo gradual de substituição entre as formas, de modo que o curso de uma mudança sintática reflete sempre uma curva em “S”. A gradação da mudança no eixo temporal se reflete, nesse sentido, como um período de variação entre formas variantes.

A compreensão da mudança sintática via competição de gramáticas tem se mostrado um campo fértil para o estudo da origem, no quadro teórico da gramática gerativa, e da propagação, no quadro teórico da sociolinguística variacionista, da mudança sintática. Abre-se, nesse sentido, um campo fértil de trabalho em busca de respostas aos problemas empíricos de *encaixamento* e *propagação* no estudo da mudança sintática (WLH 1968).

O estudo da mudança sintática via competição de gramáticas tem mostrado que a gradação na frequência de uso de diferentes contextos superficiais reflete uma mesma (ou única) mudança paramétrica. Como já referido, essa relação é denominada de *Hipótese da Taxa Constante (HTC)*, doravante). Por outros termos, a *HTC* revela que a gradação nas formas variantes no curso de uma mudança não é a mudança em si, mas, antes, é o reflexo de uma mudança na fixação de um mesmo parâmetro na gramática da língua.

Nessa linha de raciocínio, o conjunto de contextos que muda ao mesmo tempo na estrutura de um sistema linguístico não é definido pelo agrupamento de uma propriedade superficial, como o aparecimento de uma palavra ou

de um morfema particular, mas pela alteração na fixação de um Parâmetro. Nessa perspectiva, a reflexão sobre o processo de mudança sintática é um convite à “garimpagem” de tais fenômenos “superficiais” em busca da origem da mudança.

Kroch (1989) traz resultados empíricos de alguns estudos diacrônicos a favor da *Hipótese da Taxa Constante*. Retomo no que segue aqueles apresentados pelo autor que se relacionam ao encaixamento do verbo auxiliar *do*, com base no estudo de Ellegard (1953), em vários contextos no sistema do inglês médio e do inglês moderno, no período correspondente aos anos entre 1400 a 1700.

A proporção do verbo auxiliar *do* perifrástico em orações negativas e interrogativas no inglês, apresentada no estudo de Ellegard (1953), está sistematizada nos gráficos da *Figura 1*, a seguir.

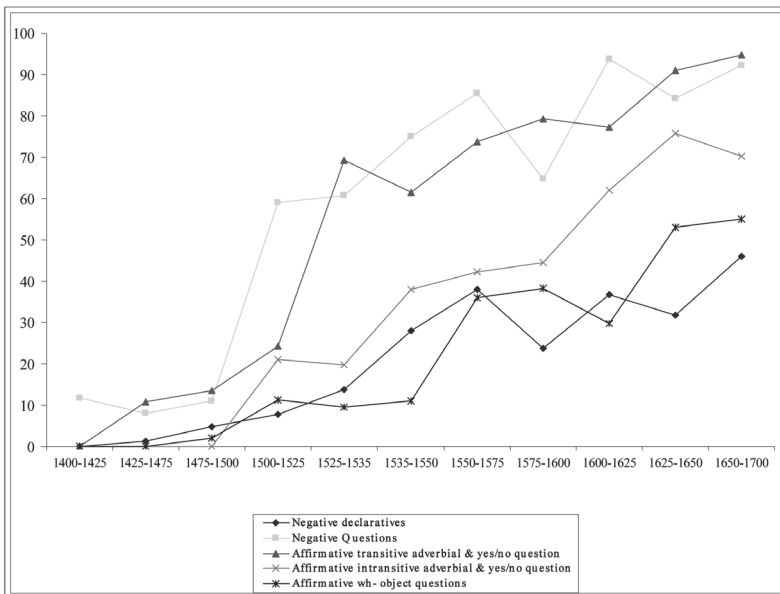


FIGURA 1 – Verbo auxiliar do no Inglês em diferentes contextos (adaptado de Kroch 1989:22)

Como refere Kroch (1989:23), tendo em vista as curvas relacionadas à evolução da entrada do *do* em contextos negativos e interrogativos no sistema do inglês médio, os gráficos apresentados na *Figura 1* desenham uma curva em “S” em todos os contextos. Com base em instrumental estatístico, Kroch calcula a proporção da mudança em relação à função logística das curvas em “S” apresentadas nos gráficos para os diferentes contextos, ou mais especificamente, a proporção da inclinação das curvas desenhadas pelos gráficos em S, e encontra valores muito próximos para todos os contextos. Esse resultado é interpretado pelo autor como evidência de que a entrada do auxiliar *do* nos diferentes contextos, observados por Ellegard no estudo de 1953, reflete uma mudança paramétrica no inglês. Na proposta de análise delineada por Kroch, a natureza da mudança sintática está associada a uma reanálise do sistema dos verbos auxiliares e o licenciamento (ou não) do movimento do verbo no sistema do inglês no curso dos séculos. Não vou me ater à natureza da mudança, pelo que remeto o leitor interessado ao texto do autor. Quero reter da análise a relevante contribuição da *Hipótese da Taxa Constante* formulada por Kroch para o estudo dos problemas de *encaixamento* e de *transição* da mudança sintática.

### **A sintaxe da ordem dos clíticos em português: padrões de variação e competição de gramáticas**

Tendo por base materiais históricos, e objetivando diagnosticar propriedades de diferentes estágios (i.e. diferentes gramáticas) do português no curso dos séculos, muitos estudos, particularmente relacionados à sintaxe da ordem dos pronomes clíticos, vêm sendo desenvolvidos em sintaxe diacrônica. Textos literários, entre outros, tais como documentos notariais e cartas pessoais, formam os diferentes *córpus* utilizados. Além do controle da data de produção/publicação dos textos históricos analisados, o ano de nascimento dos autores tem sido uma informação relevante controlada nos estudos em sintaxe diacrônica em torno das gramáticas do português.

Com o objetivo de observar a mudança sintática refletida nos padrões empíricos de ordenação dos clíticos em textos escritos na história do português, e, mais especificamente entender o processo de variação e mudança via competição de gramáticas, sistematizo, muito brevemente nesta seção, resultados diacrônicos de alguns estudos teóricos e quantitativos que buscam descrever a sintaxe de ordenação dos pronomes clíticos em textos escritos no curso dos séculos 13 a 20.

Em textos portugueses escritos entre os séculos 13 e 16, a sintaxe da ordem dos clíticos pode assim ser sistematizada (cf. Huber 2006 [1933]; Mattos e Silva 2006; A. M. Martins 1994): (i) a próclise é categórica em orações com operadores de negação predicativa, com quantificadores (que ocupam uma posição interna à oração e que têm uma leitura quantificacional), com determinados advérbios em posição pré-verbal e em orações iniciadas por constituintes focalizados; (ii) a ênclise é categórica em orações finitas afirmativas não-dependentes em que o verbo ocupa a primeira posição absoluta – contextos V1; (iii) e há variação ênclise/próclise, com aumento progressivo da próclise, em orações finitas afirmativas não-dependentes em que o verbo é antecedido por um sujeito, um advérbio não-modal ou um sintagma preposicional, não focalizados – contextos “neutros”. Para esses estudos, os padrões de ordenação de clíticos em textos portugueses que correspondem aos séculos 13 a 16 são instanciados pela na gramática do Português Antigo (PA).

Em textos escritos entre os séculos 16 e 18: (i) a próclise é categórica em orações com operadores de negação predicativa, com quantificadores, com determinados advérbios em posição pré-verbal e em orações iniciadas por constituintes focalizados; (ii) a ênclise é categórica em contextos V1; e (iii) a próclise é largamente majoritária em orações finitas não-dependentes “neutras” (A. M. Martins 1994; Galves 2004; Paixão de Sousa 2004; Galves, Britto e Paixão de Sousa 2005). Nesse contexto, os padrões de ordenação de clíticos em textos portugueses escritos entre os séculos 13 a 16 são interpretados como instanciados pela gramática do Português Clássico (PC).

Em textos portugueses escritos entre os séculos 18 e 19, de um lado, há próclises e ênclises categóricas, respectivamente, nos contextos descritos em



(i) e (ii) acima; e (iii) há variação ênclise/próclise, com aumento progressivo da ênclise, em orações finitas não-dependentes “neutras”. Tem-se mostrado (e defendido) que a ênclise no contexto descrito em (iii) é o padrão instanciado pela gramática do Português Europeu Moderno (PE) (A. M. Martins 1994; Barbosa 2000; Galves, Ribeiro e Torres Moraes 2005).

De outro lado, em textos brasileiros escritos entre os séculos 18 e 20 a ordenação de clíticos constitui um quadro bastante complexo, sobretudo na escrita do século 19. Tem-se assumido que nessa nova variedade do português, em sua versão vernacular, a próclise é o padrão de ordenação de clíticos. A análise da escrita, em particular do século 19, tem mostrado, entretanto, padrões interessantes: (i) há próclise categórica, com alguns poucos casos de ênclise (que podem ser interpretados como *hipercorreção*), em orações com operadores de negação predicativa, com quantificadores, com determinados advérbios em posição pré-verbal e em orações iniciadas por constituintes focalizados; (ii) há um aumento progressivo da próclise em contextos V1; e (iii) há variação ênclise/próclise, com aumento progressivo da próclise, em orações finitas não-dependentes “neutras”. Tem-se mostrado (e defendido) que a próclise nesses contextos é o padrão instanciado pela gramática do Português do Brasil (PB) (Pagotto 1992; Lobo 1992; Abaurre e Galves 1996; Galves, Ribeiro e Torres Moraes 2005; Carneiro 2005; M. A. Martins 2009).

Para ilustrar o quadro acima desenhado, e as diferentes gramáticas do português refletidas nos textos portugueses escritos entre os séculos 16 e 20, projeto, comparativamente, nos gráficos da Fig. 2, na sequência, as taxas de próclises encontradas em textos escritos por portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19 (cf. Galves, Britto e Paixão de Sousa 2005:44-45) e aquelas encontradas em textos escritos por brasileiros nascidos em Santa Catarina entre os séculos 19 e 20 (cf. M. A. Martins 2009:294). Retomo nos gráficos as taxas de próclise no contexto de variação diacrônica descrito em (iii) acima: orações finitas não-dependentes em que o verbo é antecedido por um sujeito, um advérbio não-modal ou um sintagma preposicional, não focalizados.

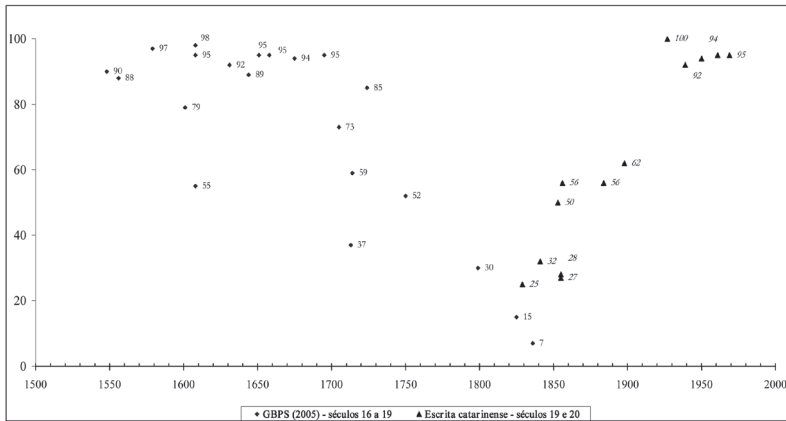


FIGURA 2 – Próclise em contextos “neutros” em textos portugueses (Galves, Britto e Paixão de Sousa 2005:44) e na escrita catarinenses dos séculos 19 e 20 (M. A. Martins 2009:294), por ano de nascimento dos autores<sup>12</sup>

Como referem Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), dois diferentes momentos são evidenciados no gráfico relacionado às próclises nos textos de portugueses nascidos entre 1548 e 1836: de um lado, a proporção de ênclise encontrada nos textos escritos por autores nascidos até o final do século 17 é, em média, de 10%, com exceção dos textos *A arte de Furtar* do Padre Manuel da Costa (com 21%) e *Os Sermões* de Vieira (com 45%); de outro lado, há um aumento gradativo na proporção de ênclise nos textos escritos por autores nascidos a partir do início do século 18. Nos textos escritos pelo último autor representante do século 18, *Almeida Garrett*, nascido em 1799, e pelo primeiro (e único) autor do século 19, *Ramalho Ortigão*, nascido em 1836, a proporção de ênclise chega, respectivamente, a 70% e 85%.

As autoras propõem que os diferentes padrões empíricos atestados nos textos escritos do século 16 a 19 refletem uma mudança na estrutura da frase no sistema do português médio. Na proposta das autoras, os textos escritos a partir do século 18 apresentam uma alteração significativa nos padrões

<sup>12</sup>. As taxas de próclise estão marcadas no gráfico e têm em conta o ano de nascimento dos respectivos autores dos textos.

empíricos de ordenação de clíticos que, na interpretação das autoras, está relacionada a uma mudança gramatical que está na base do PE.

Para sistematizar os resultados do estudo de Galves, Britto e Paixão de Sousa, os textos escritos a partir do século 18 apresentam uma alteração significativa nos padrões empíricos de ordenação de clíticos que, na interpretação das autoras, está relacionada a uma mudança gramatical que está na base do PE. O que se observa nos textos de autores nascidos a partir desse século são padrões instanciados pela gramática conservadora do PC e padrões instanciados pela gramática inovadora do PE. Os dados empíricos atestados nos textos escritos por autores nascidos nesse período refletiriam a competição entre duas gramáticas, PC e PE.

No que se refere às próclises encontradas nos textos catarinenses, de brasileiros nascidos entre 1800 e 1999, observe-se que o século 19 apresenta um padrão bastante complexo, aparentemente relacionado ao padrão enclítico da gramática do PE. Há, no entanto, um aparente aumento nas taxas de próclises nos textos de brasileiros. As médias das taxas de próclise nesse contexto em textos de autores representativos da primeira metade do século 19 não ultrapassam 40% e de autores representativos da segunda metade as taxas não ultrapassam 60%. Já em textos de autores representativos do século 20 ficam na margem dos 96%.

M. A. Martins (2009), apresenta evidências empíricas para a hipótese de que a escrita catarinense do século 19 apresenta um cenário complexo que pode refletir a competição não de duas, mas de três gramáticas do português: padrões da gramática inovadora do PB; padrões da gramática do PE, sob a rubrica de uma gramática normativa, sociolinguisticamente marcada; e, ainda, padrões da gramática de uma escrita conservadora, do PC.

### **Considerações finais**

Apresentei, neste artigo, alguns conceitos teóricos relacionados à tese de que, em sociolinguística variacionista, a mudança sintática é um processo gradual que procede via competição de gramáticas (Kroch 1989, 2001, 2003).

Nessa perspectiva, sempre que a frequência superficial de uso de uma dada forma/estrutura estiver mudando, os falantes são hábeis (i.e. competentes) para associar corretamente tais mudanças com suas origens (causas) gramaticais. A proporção da mudança, deste modo, segue uma escala logística (frequência de uso) que motiva um efeito de cadeia – pensado aqui sob a rubrica do problema empírico de *encaixamento* linguístico (como proposto no trabalho pioneiro de Weinreich, Labov e Herzog 1968). Adiante, ou uma das formas torna-se obsoleta, devido a preferências estilísticas ou flutuações estatísticas associadas à frequência de uso, ou as duas formas tornam-se estáveis no sistema devido a diferenças de sentido e/ou de propriedades gramaticais.

Como a sintaxe da ordem dos clíticos em português (assim como nas demais línguas românicas) reflete padrões variáveis, e facilmente observáveis em textos escritos ao longo dos séculos, o fenômeno de colocação de clíticos tem recebido especial atenção em sintaxe diacrônica, de modo que os padrões empíricos de ordenação evidenciados nos textos têm sido interpretados como reflexos de diferentes gramáticas do português.

## Referência Bibliográfica

BARBOSA, Pilar. 2000. Clitics: a window into the Null Subject Property. In: João Costa (ed). *Portuguese syntax – new comparative studies*. Oxford: University Press, pp. 31-93.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. 2005. *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico*. Tese de Doutorado. UNICAMP.

CHOMSKY, Noam. 1981. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.

\_\_\_\_\_. 1986. *Knowledge of language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger.

CYRINO, Sonia. 2007. Mudança sintática e português Brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LOPES, Ruth & CYRINO, Sonia (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes. pp. 361-373.

GALVES, Charlotte. 2004. *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística – Fase II*. UNICAMP CAMPINAS. (Projeto de pesquisa FAPESP).

GALVES, Charlotte; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; RIBEIRO, Ilza. 2005. Syntax and Morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 4, n°2, Studies in the comparative syntax of European and Brazilian Portuguese, pp. 143-177.

GALVES, Charlotte; BRITTO, Helena; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. 2005. The Change in Clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, Vol. 4, n.1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, pp. 39-67.

HUBER, Joseph. 2006. *Gramática do Português Antigo*. 2ª edição – tradução de Maria Gouveia Delilie. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [1933]

KROCH, Anthony. 1989. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, (1):199-244.

\_\_\_\_\_. 2001. Syntactic Change. In: Baltin & Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts. USA: BlackWell, pp. 699-729.

\_\_\_\_\_. 2003. *Mudança sintática*. «<http://www.ling.upenn.edu/kroch>». Traduzido por Silvia Cavalcante.

\_\_\_\_\_; TAYLOR, Ann. 1997. Verb Movement in Old and Middle English: dialect variation and language contact. In: KEMENADE, A. Van & VINCENT, N. (orgs.), *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.297-325.

LABOV, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

\_\_\_\_\_. 1978. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics* 44.

\_\_\_\_\_. 1982. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, Winfred P. & MALKIEL, Yakov (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 17-92.

LAVANDERA, Beatriz. 1978. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society* (7):82-171.

LIGHTFOOT, David. 1999. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden: Blackwell/Maryland lectures in language and cognition.

LOBO, Tânia. 1992. *A colocação dos clíticos em Português. Duas sincronias em Confronto*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

MARTINS, Ana Maria. 1994. *Clíticos na história do português*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

MARTINS, Marco Antonio. 2009. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. Tese de Doutorado, Programa de pós-graduação em Linguística/UFSC.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. 2008. *Caminhos da Linguística Histórica – ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial.

\_\_\_\_\_. 2006. *O português arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.

MILROY, Lesley & GORDON, Matthew. 2003. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell Publishing.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. 2004. *Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600*. Tese de doutoramento, Campinas: IEL/UNICAMP.

\_\_\_\_\_. 2006. Linguística Histórica. In: PFEIFFER, Claudia Catellanos & NUNES, José Horta (orgs.). *Introdução às ciências da linguagem – Linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, pp. 11-48.

PAGOTTO, Emilio Gozze. 1992. *A posição dos Clíticos em Português. Um estudo Diacrônico*. Dissertação de mestrado, Universidade de Campinas.

WEINER, Judith; LABOV, William. 1983. Constraints on the agentless passive. *Journal of linguistics* (19):29-58.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. 1968. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, Winfred P. & MALKIEL, Yakov (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas, pp.95-188.